

# ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA COLEÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS PROJETO MOSAICO - HISTÓRIA

Miguel Vinícius da Silva Moura<sup>1</sup>  
Joseanne Zingleara Soares Marinho<sup>2</sup>

## RESUMO:

A pesquisa busca analisar as representações das relações de gênero na coleção de livros didáticos Projeto Mosaico – História, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, escritos pelos autores Cláudio Vicentino e José Bruno Vicentino, da Editora Scipione e incluído na avaliação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2017. As fontes de pesquisa são livros didáticos integrantes do PNLD, em virtude da importância desse programa na seleção, avaliação e distribuição de livro didático no Brasil. Logo, o trabalho apresentado possibilita a compreensão das dificuldades, limites e desafios que envolvem a transformação de aspectos epistemológicos que estruturam o conhecimento escolar sobre a história e relações de gênero, como também, permite a investigação se as mulheres e os homens representados como sujeitos históricos nos livros didáticos apresentam variáveis relacionadas às diversas etnias e categorias sociais.

**Palavras-Chaves:** História. Gênero. PNLD.

## ANALYSIS OF GENDER RELATIONSHIPS IN THE TEACHING BOOKS PROJECT MOSAICO - HISTORY

### ABSTRACT:

The research seeks to analyze the representations of gender relations in the collection of textbooks Projeto Mosaico - História, from the 6th to the 9th grade of Elementary School, written by the authors Cláudio Vicentino and José Bruno Vicentino, from Editora Scipione and included in the evaluation of the National Program of the Textbook (PNLD) of 2017. The research sources are textbooks that are part of the PNLD, due to the importance of this program in the selection, evaluation and distribution of textbooks in Brazil. Therefore, the work presented makes it possible to understand the difficulties, limits and challenges that involve the transformation of epistemological aspects that structure school knowledge about history and gender relations, as well as allowing the investigation of whether women and men represented as historical subjects in textbooks they present variables related to different ethnicities and social categories.

**Keywords:** History. Genre. PNLD.

---

<sup>1</sup>Graduando em licenciatura em História pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Campus Poeta Torquato Neto, e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC, na forma remunerada, pela Universidade Estadual do Piauí – UESPI. E-mail: [miguel.vinicsm@gmail.com](mailto:miguel.vinicsm@gmail.com).

<sup>2</sup>Professora Adjunta da Graduação em História e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História – PROFHISTÓRIA da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Doutora em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: [joseannezsm@gmail.com](mailto:joseannezsm@gmail.com).

## ANÁLISIS DE RELACIONES DE GÉNERO EN EL PROYECTO DE LIBROS DIDÁCTICOS MOSAICO – HISTORIA

### RESUMEN:

La investigación busca analizar las representaciones de las relaciones de género en la colección de libros de texto Projeto Mosaico - História, de 6 ° a 9 ° grado de Educación Primaria, redactado por los autores Cláudio Vicentino y José Bruno Vicentino, de Editora Scipione e incluido en la evaluación. del Programa Nacional del Libro de Texto (PNLD) de 2017. Las fuentes de investigación son libros de texto que forman parte del PNLD, debido a la importancia de este programa en la selección, evaluación y distribución de libros de texto en Brasil. Por lo tanto, el trabajo presentado permite comprender las dificultades, límites y desafíos que implican la transformación de los aspectos epistemológicos que estructuran el conocimiento escolar sobre la historia y las relaciones de género, además de permitir investigar si mujeres y hombres se representan como sujetos históricos en los libros de texto. presentan variables relacionadas con diferentes etnias y categorías sociales.

**Palabras clave:** Historia. Género. PNLD.

### Introdução

Muitos desafios são postos à tarefa de ensinar a disciplina História às crianças e jovens no Brasil do século XXI. Vive-se em uma sociedade marcada pela generalização do acesso à internet, que disponibiliza o acesso rápido e indiscriminado a qualquer tipo de informação, o que redimensiona o estatuto de um ensino tradicionalmente pautado pela primazia do conhecimento dissociado das questões do tempo presente. De certo modo, esse deslocamento de foco de interesse acaba também impactando os modos pelos quais as escolas são organizadas, considerando as rotinas didáticas e as relações pedagógicas. De toda a forma, a condição problemática do Ensino Básico é bastante complexa.

Em meio a tantos desafios nos ambientes escolares, particularmente um, além da indisciplina ou desinteresse e perda da função da escola enquanto espaço público potente para o empoderamento dos sujeitos no mundo, mobiliza comumente os atores escolares: a proposição de um ensino de História que vincule, efetivamente, crianças e jovens a um saber contextualizado e prazeroso que possa auxiliar na formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, mas, além disso, que promova o protagonismo para a construção da compreensão de sujeito histórico (PNLD História, 2017).

Diante da condição da disciplina História no Ensino Básico brasileiro, em que alunas e alunos precisam, de forma emergente, significar-se enquanto partícipes do processo histórico, é que o presente trabalho, resultado da pesquisa “Uma questão de diferença, não

## ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA COLEÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS PROJETO MOSAICO - HISTÓRIA

de desigualdade: A análise das relações de gênero incluídas no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) na disciplina História”, iniciado com o edital 2020-2021 do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC, pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI, tem como proposta a análise das representações das relações de gênero na coleção de livros didáticos Projeto Mosaico – História, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, escritos pelos autores Cláudio Vicentino e José Bruno Vicentino, da Editora Scipione, incluído no último Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2017, que se encontra em vigência. A configuração da pesquisa ocorre a partir de alguns questionamentos centrais: Quais os níveis de visibilidade dos segmentos sociais femininos em relação à presença dos atores masculinos, já consagrados nos livros didáticos? Como são representadas as relações entre mulheres e homens quanto às condições de submissão, resistência e protagonismo nos processos históricos que estão presentes nos conteúdos das obras didáticas? As mulheres representadas nos livros didáticos apresentam variáveis relacionadas às diversas etnias e categorias sociais?

Levando-se em consideração que o livro didático constitui-se como o principal material de ensino utilizado nas salas de aula do Ensino Básico durante as aulas de História, sendo que no ensino público muitas vezes torna-se a única ferramenta, é que se considerou relevante analisar as relações de gênero na já referida coleção de livros didáticos, que têm vários usos, inclusive o de contribuir para construir modos de ser feminino e masculino que rompam o espaço escolar disseminando-se nos mais variados ambientes sociais, produzindo desigualdades entre mulheres e homens. Segundo Oliveira (2019), desde a década de 1990, o PNLD tem reformulado o tratamento do conhecimento histórico escolar sobre as mulheres, as desigualdades de gênero e, em alguma medida, sobre as violências sexuais e de gênero.

Assim, percebe-se a necessidade de práticas contra hegemônicas que reforçam o combate ao preconceito em virtude da promoção de ações que valorizem a diversidade, pois, como afirma o Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos:

Não bastarão leis, se não houver a transformação de mentalidades e práticas, daí o papel estruturante que adquirem as ações que promovam a discussão desses temas, motivem a reflexão individual e coletiva e contribuam para a superação e eliminação de qualquer tratamento preconceituoso. Ações educacionais no campo da formação de profissionais, como o curso Gênero e Diversidade na Escola, são fundamentais para ampliar a compreensão e fortalecer a ação de combate à discriminação e ao preconceito. (CLAM, 2009, p. 9)

Logo, a análise de gênero, aspecto central do projeto, responde a uma demanda atual no Brasil em que as mulheres são concebidas, muitas vezes, como subalternas em relação aos homens em seus aspectos intelectuais e morais, sendo também constantemente vítimas de variados tipos de violências verbais e físicas. Além disso, pesquisas apontam as desigualdades no mercado de trabalho e na formação educacional, em que determinados cargos e áreas em âmbito público não são considerados adequados às mulheres, devido a uma naturalização de características vinculadas à irracionalidade, fragilidade física e emotividade (RAGO, 1998).

Essa concepção foi construída culturalmente, fazendo com que as mulheres sejam estigmatizadas por meio de um discurso que vincula a vida feminina ainda atrelada ao desenvolvimento de funções domésticas vinculadas ao casamento e à maternidade, consideradas por muitos como instintivamente femininas, chegando a ser construídas como os ideais de “realização de toda mulher”. Segundo Rago (1998), trata-se de romper com essa concepção procurando-se perceber que as subjetividades dos sujeitos são históricas, portanto as categorias homem e mulher não devem ser pensadas como naturezas biologicamente determinadas e mesmo a própria noção de identidade deve ser historicizada.

O surgimento da História das Mulheres no meio acadêmico ocorreu na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, nos anos de 1960, na França, uma década depois, e no Brasil ganhou mais solidez nos anos de 1980. Apesar disso, a história das mulheres ainda pode ser concebida como uma perspectiva renovada na historiografia à medida que enfoca o estudo das mulheres na condição de sujeitos atuantes na história, campo de saber que durante muito tempo não reconheceu a sua atuação. Torna-se patente perceber que os primeiros estudos sobre a mulher, que depois se desenvolveram para as análises de gênero, decorreram em grande medida das lutas encimadas pelo movimento feminista. Nesse sentido, o surgimento dos objetos históricos na academia ocorre, entre outros motivos, por questões propostas pelo próprio tempo. A seguinte afirmação explicita convenientemente esse fato:

[...] não existe um objeto histórico que não seja no mesmo instante um objeto de política. Os contornos que damos ao passado, as regiões que iluminamos, os sujeitos que apanhamos entre poeira e fazemos novamente se encenarem, as tramas que pensamos ouvir nos desvãos dos arquivos, atendem a problemas e embates de nosso próprio tempo, em que estão mergulhadas nossas vidas. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2000, p. 123)

O estudo sobre as mulheres também está ligado ao relativismo pós-moderno, que destrói a distinção entre central e periférico na história. Isso contribuiu para o

## ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA COLEÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS PROJETO MOSAICO - HISTÓRIA

desaparecimento progressivo do fato histórico como foco central de análise e propiciou a reorientação do enfoque histórico com o questionamento de abordagens globalizantes do real, como também da universalidade do discurso histórico. (BOUTIER; JULIA, 1998). A perspectiva de trabalhar com a história das mulheres tem o mérito de tornar visíveis aquelas que foram silenciadas, e por isso ficaram à margem da historiografia. Foram esses estudos que transformaram referências esparsas sobre as mulheres em tema central, servindo para levantar informações e focalizar temas, bem como problemas que não faziam parte do universo da academia, como a abordagem do cotidiano, da família, da sexualidade e dos sentimentos. O silêncio em relação à historicidade feminina tem sido rompido em virtude dos estudos acadêmicos realizados.

Várias gerações de intelectuais se sucederam, sendo que a constituição do campo de estudos relacionados às mulheres sofreu mudanças significativas. Na realização dessa caminhada, eles expressaram a denúncia da opressão doméstica realizada pelos homens e a simples descrição das vivências femininas (LOURO, 2004). As produções acadêmicas começaram a ensaiar explicações mais elaboradas, e mesmo promover articulações conceituais com paradigmas teóricos já existentes ou emergentes em outras áreas de conhecimento. Dentre as mais diferentes perspectivas da historicidade feminina foi que surgiu a categoria chamada de gênero. Conforme Scott (1995), o termo faz parte da tentativa empreendida pelas feministas americanas de reivindicar uma definição adequada para os estudos sobre as mulheres, pela incapacidade das teorias existentes em explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens. Com isso, a palavra gênero passaria a indicar uma rejeição do determinismo biológico existente no uso corrente de outros termos, enfatizando o caráter social das distinções baseadas no sexo. O conceito possui um forte apelo relacional, já que, de acordo com essa perspectiva, é no arranjo das relações sociais que se constroem o ser masculino e feminino, ou seja, ainda que os estudos desenvolvidos priorizem as mulheres como foco, eles passam a referir-se, de forma cada vez mais explícita, aos homens.

### **Gênero e educação: algumas reflexões**

Quando se relaciona gênero e ensino, pode-se perceber que a escola, como uma instância social, é generificada, pois é um locus privilegiado de formação dos sujeitos, logo, também é no ambiente escolar que os diferentes papéis de gênero exigidos de meninos e meninas são criados e reproduzidos (LOURO, 2003). Assim, gênero é definido como um dispositivo cultural, construído historicamente, demarcando diferenças pressupostas entre meninos e meninas. Essa demarcação é introjetada no ambiente escolar, onde há atividades específicas para meninos e outras atividades para as meninas, mas a construção do masculino, e do feminino e das relações de gênero desenvolvidas podem inferir desigualdades e hierarquias criadas culturalmente pela socialização que irão se imiscuir na estrutura de poder da sociedade. Nesse sentido, ao internalizar regras de gênero propostas pela escola, ensinam-se noções de certo e errado que são justificadas por pretensas noções biológicas (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

Desta maneira, ao “biologizar” as características de um grupo se permitem a construção de estereótipos sobre ele, logo, essas formulações naturalizam padrões de comportamentos para determinado grupo apenas pelos aspectos anatômicos. Em clara oposição a essa concepção é que surge gênero, contrastando com o termo sexo, elaborado pela biologia para definir o masculino e feminino em razão aos atributos anatômicos, gênero esboça uma definição mais social e cultural (CLAM, 2009). Assim, a utilização do conceito de gênero em detrimento a negação do outro termo pelo significado exposto, corrobora para o afastamento da justificativa que a natureza é a responsável pela diferença de comportamentos entre homens e mulheres. De forma ilustrativa, no senso comum é normal relacionar a figura masculina como violenta, forte, pública, enquanto o ser feminino se liga ao lugar privado, emotivo, sereno, pois já se estabeleceu essas características como naturais no contexto sociocultural e são ensinadas como o padrão de gênero a ser seguido. A historiadora francesa e atuante na luta do movimento feminista Michelle Perrot, reforça em seu livro *Minha história das mulheres* (2007) que:

Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. É a garantia de uma cidade tranqüila. Sua aparição em grupo causa medo. Entre os gregos, é a stasis, a desordem. Sua fala em público é indecente. "Que a mulher conserve o silêncio, diz o apóstolo Paulo. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão."

## ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA COLEÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS PROJETO MOSAICO - HISTÓRIA

Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno. (PERROT, 2007, p. 17).

Historicamente, essa preposição conexa a sexo dificulta a inserção de mulheres nos mais diversos espaços, condiciona e perpétua uma relação de poder onde elas são colocadas como dominadas e, ocasionalmente, submetem-nas as mais diversas formas de violências. Entende-se assim que “as diferenças anatômicas entre os corpos masculinos e femininos convertem-se em provas objetivas da desigualdade de capacidades entre os seres humanos que é a base do despotismo patriarcal [...]” (PASSOS; PUCCINELLI; ROSA, 2019, p. 14), entretanto, a quebra da ideia de binaridade, em paralelo ao estudo teórico e metodológico, possibilita abrir espaço para se perceber os projetos de masculinidades que se incorporam no corpo social e, por conseguinte, reduz a imposição do cis-heteropatriarcado. A ideia de oposição binária, principal ferramenta de manutenção da sociedade patriarcal, coloca em polos distantes e distintos o gênero feminino e o masculino, evidenciando as diferenças como forma de criar um sistema de oposição entre eles. Essa presunção incita a desigualdade, permitindo o avanço da inferioridade e submissão de um em relação ao outro, pois ao destacar determinado gênero, espera-se o desprezo do oposto.

Ao definir gênero a historiadora Joan Scott, uma das principais intelectuais no campo, divide-o em duas partes intimamente ligadas. O primeiro não se distancia muito do conceito já explorado afirmando que “gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” (SCOTT, 1995 p. 86), porém o segundo impulsiona reflexões mais profundas, apoiada nas colocações de Michel Foucault, ela conclui que “gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Assim, subentende-se que existe uma diferença na distribuição de poder entre homens e mulheres e, ainda, uma disparidade na organização e visualização da sociedade dependendo de qual posição se encontra. O conceito de gênero possui um forte apelo relacional, já que, de acordo com essa perspectiva, é no arranjo das relações sociais que se constroem o ser masculino e feminino, ou seja, ainda que os estudos desenvolvidos priorizem as mulheres como foco, eles passam a referir-se, de forma cada vez mais explícita, aos homens. É importante lembrar que as relações de poder são inerentes a história e em conforme ao contexto apresentam características própria, ainda, com o avanço das discussões de sexo e sexualidade, gênero se tornou uma categoria útil de análise histórica, incorporando as categorias de raça e classe. Ao aludir Joan Scott, Guacira Lopes Louro

afirma no livro *Gênero, História e Educação: construção e desconstrução* (1995) que a historiadora norte-americana:

[...] uma categoria que, pensada em sua radicalidade, talvez também ponha em questão muitas de nossas certezas e nos obrigue a revolucionar nosso modo de "fazer" História. Para tentar melhor compreender as potencialidades e limites dessa perspectiva de análise parece-me importante observar o contexto teórico do qual ela é fruto. (LOURO, 1995, p. 109)

Indubitavelmente, a escola é um lugar atravessada de oportunidades e transformações, ela se constitui de variáveis e diversidades, é nesse espaço que alunas e alunos podem construir suas identidades e, principalmente, exercitar o respeito pelas diferenças. Deste modo, é desejável que a educação não seja radicalmente diferente entre meninas e meninos, que a escola tenha consciência da sua não neutralidade na formação da identidade das alunas e alunos. “A escola tem a responsabilidade de não contribuir para o aumento da discriminação e dos preconceitos contra as mulheres e contra todos aqueles que não correspondem a um ideal de masculinidade dominante” (CLAM, 2009, p. 50)

Também é importante entender que a preocupação de algumas instituições escolares, coordenadores pedagógicos e professores em ministrar o conteúdo do livro didático de forma integral, além do pouco tempo para preparar as aulas, a reduzida carga horária semanal e outros aspectos propostos nos currículos “[...] transforma o conhecimento histórico num amontoado de informações desconexas, desinteressantes e inúteis, transmitidas aos alunos com uma metodologia inadequada e sem atrativos.” (DALPASSO, p. 5, 2011). O ensino de História, frequentemente abordado de forma linear, com o protagonismo marcadamente masculino, a perspectiva da harmonia social, as narrativas que enaltecem os heróis brancos e as conquistas dos setores sociais privilegiados economicamente, tornam-se distantes do universo dos alunos e os exclui do processo ensino-aprendizagem.

### **O mosaico dos livros didáticos**

Por um lado, a reprodução dos papéis tradicionais de gênero no contexto escolar pode estar nos conteúdos dos livros didáticos de História à medida que as mulheres não forem representadas como sujeitos históricos, ao contrário dos homens, sendo abordadas de forma esporádica, anedótica ou irrelevante. Por outro lado, a presença da historicidade feminina nos livros didáticos pode contribuir para que ocorram transformações das relações de gênero

## ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA COLEÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS PROJETO MOSAICO - HISTÓRIA

entre homens e mulheres na sociedade brasileira, reconhecendo-se as diferenças entre os dois gêneros, mas não as condições desiguais de inferioridade e submissão de qualquer polo em relação ao outro, desconstruindo a tradicional oposição binária, como afirma Louro (2003).

No entanto, deve-se considerar que os livros didáticos de História enquanto materiais que expressam saberes a serem ensinados são submetidos a um processo de didatização inscrito em um ambiente pedagógico regulador (CHOPPIN, 2004). Esses saberes que constam não decorrem exclusivamente de um fluxo oriundo do saber acadêmico, pois segundo Monteiro (2009), os processos de didatização envolvidos na sua produção revelam a sua especificidade e complexidade. Os posicionamentos políticos e pedagógicos de seus autores:

[...] bem como as políticas curriculares, as expectativas do público docente, as tradições sedimentadas sobre conteúdos indispensáveis e os interesses do mercado editorial atuam nos processos de elaboração das histórias veiculadas nesses livros, submetendo-os a um conjunto de regras de formatação, enunciação, estruturação e organização didática. (OLIVEIRA, p. 4, 2019).

De modo geral, o livro didático não é a única ferramenta disponível para os educadores utilizarem no processo de escolarização de alunas e alunos, entretanto, correntemente, ele é o único instrumento de pesquisa e fonte de conhecimento acessível para estudantes e, ademais, para as famílias desses jovens. Paralelamente, o PNLD condiciona a tarefa de ampliar esse acesso, constituindo-se como “o maior programa de distribuição de livros didáticos do mundo” (OLIVEIRA, 2019). Assim, toma-se consciência que o desprezo com livro didático, no caso de História, impulsiona a desvalorização de um conjunto de interações obtidas pelas percepções construídas pelos alunos e alunas em relação ao passado como forma de interpretar o presente. Portanto, é importante destacar a relevância dos livros didáticos de História como objetos de pesquisa. Enquanto elementos curriculares de orientação e difusão de conhecimentos históricos a serem escolarizados, tais livros produzem e difundem representações que, são atravessadas por relações de poder, capazes de moldar e orientar as maneiras de compreender, falar e posicionar-se perante acontecimentos, sujeitos, culturas, comportamentos, instituições e relações sociais no passado e no presente. Nesse sentido, os livros didáticos não configuram narrativas neutras ou inocentes, já que “[...] a história se constitui como uma forma de interpretação e estabelecimento de sentidos para o

passado que é sempre mediada pela cultura e interesses do presente, segundo um corpo de regras socialmente autorizadas que orientam as maneiras de ensinar, perceber, julgar, pensar e agir em relação ao passado.” (OLIVEIRA, 2019, p. 8)

A escolha pelos livros didáticos do projeto mosaico ocorreu porque segundo o guia Digital do PNLD (2017), “Em todos os volumes, a coleção apresenta um importante diferencial no tratamento da história das mulheres, entendidas como protagonistas de lutas e de processos históricos. A obra ainda apresenta intenso trabalho pedagógico com documentos visuais e textuais, destacando o conjunto de informações constantes nos boxes complementares, especialmente Conheça Mais, Fique Ligado e as indicações procedimentais do boxe Passo a passo.” Dessa forma, a coleção apresenta uma proposta original, diante de todas as outras coleções de livros apresentadas pelo Guia PNLD. A coleção toma como base uma organização curricular cronológica linear na apresentação dos conteúdos da disciplina escolar História:

6º ano (304 páginas). Módulo I - Discutindo a História e nossas origens. II - América: primeiros povos e civilizações. III - África: primeiros povos e civilizações. IV - Antigas civilizações da Mesopotâmia e do Oriente Médio. V - As grandes civilizações orientais. VI - A formação do mundo grego antigo. VII - A hegemonia de Atenas e o helenismo. VIII - O mundo romano antigo.

7º ano (328 páginas). Módulo I - O período medieval: sociedade, política e religião. II - A cultura medieval e os bizantinos. III - Do Renascimento comercial e urbano à expansão marítima. IV - Transformações culturais e religiosas na Europa. V - Os Estados europeus e a América colonial. VI - O povoamento e a delimitação da América portuguesa. VII - Povos africanos e o sistema escravista na América portuguesa. VIII - Atividades econômicas no período colonial.

8º ano (320 páginas). Módulo I: Mundo Contemporâneo; a Era das Revoluções. II - Tempo de revoluções e rebeliões. III - A Era Napoleônica e a industrialização. IV - Independência na América ibérica. V - Os centros de poder no Século XIX. VI - África e Ásia: tempos da dominação colonial. VII - A consolidação do Brasil independente. VIII - Brasil e o fim da monarquia.

9º ano (336 páginas) – Módulo I: O nosso mundo. II - O Brasil e a República Oligárquica. III - Os anos pós-Primeira Guerra Mundial. IV - A Era Vargas e o mundo em guerra. V - O mundo da Guerra Fria. VI - América Latina, Ásia e África: soberania e descolonização. VII - O fim da Guerra Fria e a Nova Ordem Internacional. VIII - O Brasil recente. (PNLD História, 2017).

Os conteúdos abordam desde a origem da humanidade até a primeira década do século XXI, contemplando e alternando os processos históricos do Brasil com a História

## ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA COLEÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS PROJETO MOSAICO - HISTÓRIA

Geral. Como contempla amplo conjunto de conteúdos em seu texto principal, utiliza estratégias e recursos de retomada e de revisão nas atividades e nas seções. Cada volume do Livro do Estudante está organizado em oito módulos e capítulos, compostos por texto central, boxes e seções didáticas. Nas seções didáticas, contemplam-se várias propostas com finalidades distintas, sendo algumas fixas e outras eventuais, a saber: Atividades; Retome; Passo a passo; Trabalhando com Documentos; Lendo Imagem; Saber Fazer; Ponto de Encontro, Jeitos de Mudar o Mundo; Explore Também. Os boxes são diversificados e oferecem informações complementares ao longo dos capítulos, sendo denominados: Conheça Mais, Fique Ligado; Boxes de vocabulário ou explicações breves e você precisa saber.

A análise que está sendo realizada considera os livros didáticos em sua historicidade, considerando suas funções e condições de produção. (CHOPPIN, 2004). Cada um dos livros que compõem o Projeto Mosaico – História, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental é analisado a partir dos elementos que constituem a organização das obras, considerando a abordagem dos sujeitos históricos femininos em relação com os atores masculinos a partir dos conteúdos, teorias utilizadas e metodologias.

### Considerações finais

Conforme afirma Louro (2003), a escola é um local atravessado por relações de gênero, sendo que os livros didáticos de História são frequentemente constituídos como a principal fonte de irradiação das interpretações e atitudes de professoras, professores e estudantes diante do passado. A partir de embates e diálogos travados com movimentos sociais é que o Estado passou a assumir o compromisso educacional de superação dos preconceitos e violências contra as mulheres nas legislações e programas educacionais. Essas formas de inclusão da história das mulheres e das relações de gênero nos livros didáticos dependem não só do modo como as prescrições oficiais são interpretadas e ressignificadas, mas também de um sistema de representações, valores e crenças que não é facilmente atingido nos processos oficiais de avaliação dos livros didáticos no Brasil.

Nesse sentido, “Não existe um livro didático perfeito ou ideal, porque as demandas e expectativas sobre ele são muitas e diversificadas. Esse suporte cultural tem atravessado décadas e séculos sem ter sua estrutura seriamente ameaçada, possivelmente porque congrega qualidades e funcionalidades que são valorizadas no âmbito escolar.”

Humana Res, v.1, n. 2, 2020, ISSN: 2675-3901 p. 115 a 127 , jan. a jun. 2020

(STAMATTO; CAIMI, p. 244, 2016). Analisa-se, portanto, que condenar ou negligenciar a utilização dos livros didáticos não vai resolver os problemas culturais que geram a desigualdade das relações de gênero, mas vai continuar colocando à margem o debate em sala de aula. A pesquisa possibilita a compreensão das dificuldades, limites e desafios que envolvem a transformação de aspectos epistemológicos que estruturam o conhecimento escolar sobre a história das mulheres e das relações de gênero.

Vale salientar que a pesquisa se compromete em comparar os níveis de visibilidade dos segmentos sociais femininos em relação com a presença dos personagens masculinos já consagrados nos livros didáticos, promovendo desta forma uma discussão sobre as representações das relações entre mulheres e homens que estão presentes nas obras didáticas no que se refere às condições de submissão, resistência e protagonismo nos processos históricos. Ademais, alinha-se aos objetivos específicos a investigação se as mulheres e os homens representados como sujeitos históricos nos livros didáticos apresentam variáveis relacionadas às diversas etnias e categorias sociais.

Diante de tudo que foi exposto, a pesquisa apresenta a proposta de analisar as representações das relações de gênero na coleção de livros didáticos Projeto Mosaico – História, do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, incluído no último Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) de 2017, ainda vigente, por considerar a relevância social de analisar como o material didático escolar contribui para formar as feminilidades e as masculinidades de crianças e adolescentes.

## Referências

BRASIL. **Guia PNLD 2017 – História Anos Finais do Ensino Fundamental**. MEC, Brasília, 2016. Disponível em: < <http://www.fnnde.gov.br/pnld-2017//>>. Acesso em 11/05/2020.

BRASIL. **Guia PNLD 2017 – Anos Finais do Ensino Fundamental**. MEC, Brasília, 2016. Disponível em: <<http://www.fnnde.gov.br/pnld-2017//>>. Acesso em 11/05/202.

Centro Latino Americano em Sexualidade e Direitos Humanos – IMS/UERJ. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em Gênero, Orientação Sexual e Relações Étnico-Raciais**. Livro de conteúdo. Versão 2009. – Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

DALPASSO, Néldi. **História Aprendizagem Prazerosa. Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão do Programa PDE**. Marechal Rondon – PR: [s. n.], 2011.

## ANÁLISE DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA COLEÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS PROJETO MOSAICO - HISTÓRIA

LINS, Beatriz; MACHADO, Bernardo; ESCOURA, Michele. **Diferentes, não desiguais: a questão de gênero na escola**. São Paulo: Reviravolta, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, História e Educação: construção e desconstrução**. Revista Educação & Realidade. Rio Grande do Sul, 20(2); 101-132, jul./dez. 1995.

OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. **Violência contra mulheres nos livros didáticos de História (PNLD 2018)**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 27, n. 3, e58426, 2019.

PASSOS, Ana Helena Ithamar; PUCCINELLI, Bruno; ROSA, Waldemir. **As narrativas hegemônicas como normativas excludentes: raça, gênero e sexualidade**. Revista do Centro de Pesquisa e Formação n.08 (ISSN 2448-2773). Sesc São Paulo. 2019.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

RAGO, Margareth. **Descobrimo Historicamente o Gênero**. Cadernos Pagu, n.11, p. 89-94, 1998.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma categoria útil de análise histórica**. Revista Educação & Realidade. Rio Grande do Sul, 20(2); 71-99, jul./dez. 1995.

MOURA, Miguel; MARINHO, Joseanne. **Uma questão de diferença, não de desigualdade: a análise das relações de gênero incluídas no programa nacional do livro didático (PNLD) na disciplina história**. Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Piauí. 2020.